



Idolatria, poder e comércio. Um estudo de Apocalipse 18,1-24

Idolatry, power and trade. A study of Revelation from 18,1-24

José Adriano Filho

Professor e pesquisador na Faculdade Unida, Vitória, ES - Brasil, e-mail: j.adriano1@uol.com.br

Resumo

Ao analisar o texto de Apocalipse 18 faço uma leitura teológica do fator econômico ao catalogá-lo como pecado e sujeito ao juízo de Deus. Essa economia é pecaminosa na medida em que acarreta miséria para muitos e, além disso, significa perseguição e morte para a comunidade dos fiéis. O pecado, assim caracterizado, “chega ao céu”, constitui a medula de uma situação pecaminosa. Deus não passa por alto “nem esquece” isso, pois é expressão de injustiça entre os homens que deve ser remediada. A degradação da vida humana no mundo atual torna-se um ponto a partir do qual podemos entender os efeitos que as formas do poder econômico assumem. Estamos também diante de “uma situação pecaminosa, injusta, que não passa despercebida aos olhos de Deus, nem é algo pelo qual Ele possa ficar desinteressado”. O sistema econômico-político atual também constitui o cerne de uma situação pecaminosa que está sujeita ao juízo de Deus.

Palavras-chave: Economia. Pecado. Apocalipse.

Abstract

In examining the text of Revelation 18 I make a theological reading of the economic factor to catalog it as sin and subject to the court of God. This economy is sinful in that it brings misery for many and, furthermore, it means persecution and death for the community of believers. Sin, so defined, "arrives in heaven", constitutes the heart of a sinful situation. God does not undergo high "nor forget" it because it is an expression of injustice among men that must be remedied. The degradation of human life in today's world becomes a point from which to understand the effects that the forms of economic power assume. We are also faced with a "sinful situation, unfairly, that does not go unnoticed in the eyes of God, nor is it something that he can be unselfish." The current political-economic system also forms the heart of a sinful situation that is subject to the judgments of God.

Keywords: *Economy. Sin. Revelation.*

Introdução

Uma característica marcante do Apocalipse de João é o uso de textos do Antigo Testamento, em especial os textos proféticos. Os textos proféticos sobre a queda da Babilônia (Jeremias 50-51; Isaías 13-14; 23; 47) e os cânticos fúnebres sobre Tiro, que assinalam o contraste entre o brilho da cidade e sua devastação, seu passado glorioso e sua ruína presente (Ezequiel 26,15-18; 27,1-8.26-36), são de grande significado para a composição de Apocalipse 18, cujo tema é a queda da Babilônia e o colapso do mundo associado a ela. O texto combina os oráculos contra a Babilônia e os oráculos de Ezequiel contra Tiro, mostrando grande originalidade. As referências tradicionais da Babilônia dão o nome à cidade descrita em Apocalipse 18, enquanto os oráculos de Ezequiel contra Tiro e seu rei dão forma ao retrato do colapso da Babilônia, a grande.

Apocalipse 18, antes de mencionar o comércio marítimo, descreve a Babilônia como uma prostituta "embriagada com o sangue dos santos e das testemunhas de Jesus" (17,1-6). Não é surpresa, então, que Apocalipse

18 condene os que transportam as mercadorias para a grande cidade. A literatura apocalíptica da época revela que João não estava sozinho ao condenar a Babilônia, mas sua preocupação estava no fato de que o comércio era, às vezes, um compromisso espiritual e moral duvidoso: João estava preocupado com a ação recíproca entre idolatria, poder e comércio. Ele não era contra o comércio e os comerciantes em si, como se eles fossem intrinsecamente maus, mas exorta os cristãos a se separar ou evitar ligações econômicas e políticas com a Babilônia, pois as instituições e estruturas representadas por ela eram leais ao imperador, que reivindicava ser divino ou era tratado como tal.

O uso dos oráculos contra Tiro destaca a dimensão econômica das transgressões da Babilônia. Os temas mar e comércio marítimo, reis, mercadores e marinheiros, riquezas, o catálogo de mercadorias, o orgulho e palavras arrogantes indicam que Apocalipse 18 não é somente uma releitura dos textos proféticos do Antigo Testamento, mas também que a crítica teológica do poder econômico constitui um dos seus componentes inovadores.

Vejamos o texto:

- ¹ Depois dessas coisas, vi outro Anjo descendo do céu; que tinha grande autoridade, e a terra foi iluminada com a sua glória. ² E gritou com forte voz, dizendo:

“*Caiu, caiu, Babilônia, A Grande!*
Tornou-se *moradia de demônios,*
moradia de todo espírito imundo,
moradia de toda ave imunda,
moradia de toda besta imunda e detestável.

- ³ Porque todas as nações beberam do vinho da fúria da sua prostituição,
os reis da terra com ela se prostituíram,
e os mercadores da terra da força da sua luxúria enriqueceram”.

- ⁴ E ouvi outra voz do céu, dizendo:

“Saí dela, ó povo meu,
para que não participeis dos seus pecados,
para que não recebais das suas pragas,

⁵ porque os seus pecados *chegaram até o céu*,
e Deus se lembrou das suas injustiças.

⁶ Dai-lhe, como também ela deu, dai-lhe em dobro segundo as
suas obras,

no cálice em que ela misturou, misturai dobrado para ela,

⁷ o quanto a si mesma glorificou e viveu em luxúria,
dai-lhe tanto tormento e pranto.

Porque no seu coração diz: Sou rainha, não viúva, pranto ja-
mais verei.

⁸ Por causa disso, em um dia virão as suas pragas, morte, pran-
to e fome,

e em fogo será queimada,

porque poderoso é o Senhor Deus que a julgou”.

⁹ E chorarão e se lamentarão sobre ela os reis da terra que com ela
se prostituíram e viveram em luxúria, quando virem a fumaça do
seu incêndio. ¹⁰ De longe, ficam de pé por causa do medo do seu
tormento, dizendo:

“Ai, ai, da grande cidade,
Babilônia, a poderosa cidade,
porque em uma hora veio o seu julgamento”.

¹¹ E os mercadores da terra choram e lamentam sobre ela, porque nin-
guém mais compra a sua mercadoria: ¹² mercadoria de ouro e de prata,
de pedras preciosas, de pérolas, de linho e púrpura, de seda, de escar-
late, toda madeira odorífera, todo vaso de marfim, todo vaso de ma-
deira preciosa, de bronze, de ferro, de mármore, ¹³ cinamomo, amomo,
perfumes, unguento, incenso, vinho, azeite, farinha finíssima e trigo,
animal de carga e ovelhas, cavalos e carros, escravos e vidas humanas.

¹⁴ O fruto do desejo da sua alma retirou-se de ti e todas as coisas deli-
cadas e brilhantes foram perdidas e jamais serão encontradas.

¹⁵ Os mercadores destas coisas, que com ela enriqueceram, de longe ficarão de pé, por causa do medo do seu tormento, chorando e pranteando, ¹⁶ dizendo:

“Ai, ai, da grande cidade,
vestida de linho, púrpura e escarlata,
adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas,
¹⁷ porque em uma hora foi devastada tão grande riqueza”.

E todo piloto, todo o que navega livremente, marinheiros e os que trabalham no mar, ficaram de longe, ¹⁸ e gritavam, ao verem a fumaça do seu incêndio, dizendo: Quem é semelhante à grande cidade?

¹⁹ E lançaram pó sobre as suas cabeças, e gritavam, chorando e pranteando, dizendo:

“Ai, ai, da grande cidade,
a qual, da sua opulência, enriqueceram todos os que têm navios no mar,
porque em uma hora foi devastada.
²⁰ Alegrai-vos sobre ela, ó céus,
e vós santos, apóstolos e profetas,
porque Deus contra ela julgou a vossa causa”.

²¹ Um Anjo forte tomou uma grande pedra, como de moinho, e a atirou no mar, dizendo:

“Dessa maneira, com violência, Babilônia, a grande, será lançada e jamais será encontrada.
²² A voz de harpistas, de músicos, de flautistas e de tocadores de trombetas,
jamais será ouvida em ti.
E todo artífice (de toda arte),
jamais será encontrado em ti.
E a voz do moinho,
jamais será ouvida em ti.

- ²³ E a luz da candeia,
 jamais brilhará em ti.
 E a voz do noivo e da noiva,
 jamais será ouvida em ti.
 Porque os teus mercadores foram os grandes da terra,
 porque na tua feitiçaria foram seduzidas todas as nações,
²⁴ e nela foi encontrado sangue de profetas, santos
 e de todos os que foram mortos sobre a terra.

Apocalipse 18 como um cântico fúnebre escatológico

Apocalipse 18 apresenta a queda da Babilônia e o colapso do mundo associado a ela com os elementos do cântico fúnebre, já presente nos profetas do Antigo Testamento (NOGUEIRA, 1991, p. 137-139; GERSTENBERGER, 1962, p. 249-263). No Antigo Oriente, o cântico fúnebre falava geralmente do morto, consolo, situação posterior à morte, mas os profetas o utilizaram para falar da comunidade, da nação, do povo, do declínio político, agitando, advertindo e antecipando (escatologicamente) a queda do reino, variando entre o contexto afetivo de tristeza e a ironia. O mais antigo exemplo de um cântico fúnebre político é Amós 5:1, que afirma que a “virgem, filha de Israel” não cumpriu o propósito de Deus para a sua vida. Há também o lamento de Miquéias sobre Samaria (1,8), o de Jeremias sobre Jerusalém (9,18), os lamentos simbólicos de Ezequiel sobre a casa real de Judá (Ezequiel 19), Tiro e seus príncipes (Ezequiel 27; 28,11-19), o desdenhoso lamento do mesmo profeta sobre o faraó (Ezequiel 32) e o irônico lamento sobre o rei da Babilônia (Isaías 14), que apresentam aos seus destinatários a vinha cheia de frutos (Ezequiel 19,10-14), as campinas com flores da primavera (Isaías 40,6), Jerusalém como mãe (Lamentações de Jeremias 1), a leoa soberba com o seu filho (Ezequiel 19,1-9), o crocodilo do Nilo (Ezequiel 32,2-10) e o espetáculo dos mercadores de Tiro (Ezequiel 27) (NOGUEIRA, 1991, p. 139-141; WESTERMANN, 1977, p. 202-203).

Apocalipse 18, composto a partir dos lamentos acima indicados, contém pequenas unidades e está ligado por algumas seções, entre as quais

encontramos as seguintes formas (CROATTO, 1991, p. 35-37; RUIZ, 1989, p. 250-254):

- a) 18,1-3: narrativa de visão. Os vv.1-2a são uma visão apocalíptica (“vi outro anjo”) e o relato das palavras do anjo dos vv.2b-3 um anúncio de destruição fundamentada na queda da Babilônia (WESTERMANN, 1977, p. 129-198).
- b) 18,4-8: audição (v.4a: “ouvi”). Os vv.4b-5 são uma ordem para sair da cidade, cujas razões são especificadas no v.5. Os vv.6-8 consistem numa ordem para executar julgamento sobre a Babilônia. As ordens são dadas nos vv.6-7a e explicadas nos vv.7b-8. A perdição da cidade é narrada com imperativos (realizadores de juízos e simbólicos). Os vv.7b-8 apresentam um diálogo com o morto, que responde com palavras arrogantes (NOGUEIRA, 1991, p. 142-143).
- c) 18,9-20: Cânticos fúnebres dos reis (vv.9-10), dos mercadores (vv.11-17a) e dos marinheiros (vv.17b-19). Estes cânticos apresentam uma estrutura semelhante:
 - a) os reis, mercadores e marinheiros choram e lamentam (vv.9.11.19);
 - b) eles têm medo do seu tormento (vv.10a.15.18);
 - c) afirmam “ai, ai, da grande cidade” (vv.10.16.19);
 - d) afirmam que Babilônia é a grande cidade e falam da opulência das suas riquezas;
 - e) ficam de longe e falam da destruição repentina da cidade e da sua riqueza, o que contrasta com a sua opulência.

O v.20 é uma ordem dada aos santos, apóstolos e profetas para se alegrarem, e sua alegria contrasta com a tristeza dos reis, mercadores e marinheiros nos vv.9-19 (RUIZ, 1989, p. 252; CROATTO, 1991, p. 41-44).

4-18,21-24: narrativa de uma ação simbólica executada por um anjo. Começa com uma narrativa de um ato simbólico profético interpretado como uma pré-estreia da queda da Babilônia. Consiste em três partes: o relato – “então anjo forte” (v.21a); a interpretação – “assim será Babilônia” (vv.21b-23b); e a razão – “porque teus mercadores foram os grandes da terra; na tua feitiçaria foram seduzidas as nações; nela se

achou sangue de profetas, santos, e de todos os que foram mortos sobre a terra” (vv.23c-24) (AUNE, 1983, p. 285).

Apocalipse 18 contém anúncios de julgamento e lamentos fúnebres. Combina os cânticos fúnebres com os anúncios de desgraça e especifica as razões para tal desgraça: “duas formas literárias dominam Apocalipse 18: o anúncio de julgamento e o lamento fúnebre. Da perspectiva do autor e do contexto maior, os lamentos fúnebres também funcionam como anúncios de julgamento. A análise dos lamentos fúnebres em Apocalipse 18 mostra que não há somente uma correspondência simples entre forma e função. Na superfície eles expressam lamento. Mas, quando funcionam em outro nível para expressar julgamento, e quando este julgamento é sobre um inimigo, o lamento fúnebre assume um caráter paradoxal ou irônico, por causa da impossibilidade do genuíno lamento” (AUNE, 1983, p. 285; NOGUEIRA, 1991, p. 147; COLLINS, 1980, p. 196-197).

Caiu, caiu Babilônia, a grande cidade

Anúncio da queda da Babilônia: vv.1-3

Apocalipse 18,1-3 relata a visão da queda da Babilônia e as razões pelas quais a cidade deve ser destruída. O mensageiro que se dirige ao vidente “vem do céu, tem grande autoridade e ilumina a terra com a sua glória”. Ele não apresenta uma revelação particular, mas o vidente ouve uma proclamação que tem um destinatário particular: um anúncio público que consiste na queda da Babilônia: “caiu, caiu Babilônia, a grande”, a mesma linguagem usada no Antigo Testamento nos oráculos contra a Babilônia (Jeremias 50-51), que exprime a certeza da queda da cidade. Além disso, a descrição da Babilônia destruída, como “morada de demônios, morada de espíritos imundos, de aves impuras, de bestas impuras e detestáveis”, utiliza as figuras das profecias sobre a devastação da Babilônia, Edom e Nínive (Isaías 13,19-22; 34,11-15; Jeremias 50,39; 51,37).

Apocalipse 18,3 apresenta as razões da queda da Babilônia. Emprega as metáforas da má conduta sexual e da intoxicação (14,8), mas provê um quadro mais extenso ao apresentá-las. Outras causas, como sua soberba (v.7) e o martírio dos santos (v.24), serão ainda mencionadas. O texto

menciona três grupos que estão associados à Babilônia na prática da injustiça, atribuindo uma atividade diferente a cada um desses grupos: “as nações beberam o vinho da fúria da sua prostituição”; “os reis que com ela se prostituíram”; “os mercadores da terra se enriqueceram da força da sua luxúria”. Fica clara a apropriação do nome Babilônia como designação simbólica do poder mundial hostil por meio de uma releitura dos oráculos proféticos dirigidos contra ela. O uso das metáforas da má conduta sexual e intoxicação e a menção das transgressões econômicas prepara o caminho para o uso dos oráculos de Ezequiel contra Tiro e seu rei (Ezequiel 26,1-28,19) nos vv.9-19.

Exortação a sair da Babilônia: vv.4-8

Apocalipse 18,4-8 apresenta uma audição: “e ouvi outra voz” (v.4a). O v.4b contém um aviso que consiste numa ordem dada ao povo de Deus para que ele saia da cidade: “sai dela ó povo meu”. Os vv.6-7a consistem numa ordem para executar julgamento sobre a Babilônia: “dai-lhe em dobro segundo as suas obras”, que é explicada nos vv.7b-8. A perdição da cidade é narrada por meio de imperativos. Os vv.7b-8 apresentam uma mulher que responde com palavras arrogantes. A seção termina com um apelo ao justo julgamento de Deus: “Poderoso é o Senhor Deus que a julgou” (v.8b).

O povo de Deus é primeiro exortado a romper a sua relação com a Babilônia, para não compartilhar dos seus pecados, os quais “chegaram até o céu”. Essa exortação indica uma apropriação de passagens proféticas (Ezequiel 48,20; Jeremias 50,8; 51,6.9.45; Isaías 48,20; 52,11), sendo também um tema recorrente nas Escrituras (Gênesis 19,12; Êxodo 1-15). O povo de Deus é chamado a retribuir o mal para Babilônia, o sofrimento que ela lhe causou: “dai-lhe como também ela deu, dai-lhe em dobro segundo as suas obras. No cálice em que ela misturou, misturai dobro para ela” (v.6). “Dai-lhe em dobro segundo as suas obras” e “preparar a taça” são expressões da *lex-talionis* (Jeremias 50,29; 51,34-40; Êxodo 22,4.7; Isaías 40,2). João combina a noção da dupla retribuição com a imagem da taça, a metáfora da intoxicação apresentada antes. Babilônia será punida apropriadamente: ela beberá uma dupla porção de sua própria

taça, de acordo com as suas obras. A metáfora da taça é empregada numa irônica inversão: a imagem aplicada à influência intoxicante da Babilônia sobre as nações é também a imagem usada para descrever sua sentença (16,19; 17,2.4). A retribuição é expressa em termos da inversão de situações (Salmo 137,8; Isaías 14,1-8) e as repetições “dai/deu”, “dai-lhe em dobro” e “misturou/misturai em dobro” enfatizam a correspondência dos crimes da Babilônia com a punição que ela deve sofrer. O v.7 descreve a autoglorificação e o orgulho da cidade, cujo destino é resultado do seu próprio orgulho. O orgulho e a soberba nascem do conhecimento de que se tem o poder político e econômico total; eles são ostentados sem reconhecer nenhum tipo de poder superior (PRINGENT, 1981, p. 269).

A exortação ao povo para sair da cidade termina com um apelo ao justo julgamento de Deus, um anúncio fundamentado do julgamento da Babilônia: “em um só dia” (v.8). O acontecimento repentino desse julgamento é destacado nos vv.8.10.17.19, em que “em um só dia” é o refrão recorrente na boca dos reis, mercadores e marinheiros. Esse julgamento, que traz morte, pranto, fome, a cidade queimada em fogo (Jeremias 50,32; 51,25.30.32.58), é realizado pelo “poder de Deus”. Deus exerce a sua justiça definitiva no “tempo final” em favor do seu povo, como o seu Salvador: “Deus contra ela julgou a vossa causa” (v.20).

Lamentos sobre a Babilônia: vv.9-20

Apocalipse 18,9-20 apresenta o lamento dos reis, mercadores e marinheiros. Babilônia é descrita como uma cidade que se enriqueceu a partir do domínio das rotas marítimas, mas sua queda representa o rompimento de toda a rede de relações econômicas que ela estabeleceu. Essa é a razão do lamento dos reis, mercadores e marinheiros, pois estes, antes associados à cidade, agora compartilham da sua sorte. Esses versículos denunciam a injustiça do exercício do poder econômico e seu modo de expressão. Nesse caso, o fator econômico é o elemento básico que constitui o pecado do poder vigente e que merece o juízo de Deus. Três grupos estão comprometidos com Babilônia, a grande: “os reis da terra” (v.9); “os comerciantes da terra” (v.11); “os armadores navais” (v.17”).

O lamento dos reis: vv.9-10

O primeiro dos três lamentos pertence aos reis da terra, cujo relacionamento com a Babilônia é descrito como “os que com ela adulteraram e viveram em luxúria” (v.3). O v.10b apresenta a repetição do semitismo “ai, ai”. Em Ezequiel 16,23, essa expressão não indica tristeza, mas é parte da denúncia contra Jerusalém. No capítulo 18, “ai, ai” faz parte dos lamentos de funeral sobre a queda da Babilônia e enfatiza a declaração do seu julgamento. Sua repetição nos lamentos seguintes dá o tom para todos os lamentos. O grito e lamento dos reis ecoa nas introduções dos lamentos dos mercadores e marinheiros. Os reis permanecem de longe, como fazem os dois outros grupos. No caso dos reis e mercadores, o medo do tormento da Babilônia é a razão da sua distância (vv.10.16) (RUIZ, 1989, p. 412).

A expressão “ai, ai”, junto com a expressão: “Babilônia, a poderosa cidade”, concentra-se na ruína do seu poder. O final do lamento assinala a queda repentina da cidade e reafirma a qualidade forense desse fato: “o seu julgamento veio em uma hora”. O orgulho da Babilônia (v.7) e seu poder descrito com a metáfora da má conduta sexual e intoxicação (14,8; 17,2.4; 18,3.9) são repentinamente destruídos: “Poderoso é o Senhor Deus que a julgou” (v.8). “Glória”, “poder” são atributos divinos no Apocalipse. Deus é poderoso e seu poder se estende aos anjos que fazem a sua vontade (10,1). Poder é uma qualidade atribuída a Deus e a Cristo nas doxologias (5,12; 7,12). Aquele que pretende ter tal poder na terra está destinado à derrota (6,15; 18,10). O poder de Deus é exercido na execução do julgamento contra a Babilônia, a grande. Apocalipse 18,10b emprega Ezequiel 26,17 para afirmar, de forma negativa, que o julgamento da Babilônia envolve a perda do seu poder (RUIZ, 1989, p. 423).

O lamento dos mercadores: vv.11-17a

O segundo lamento dos mercadores da terra, sem deixar de enunciar as consequências da ruína da grande cidade, é precedido por uma enumeração das mercadorias fornecidas à Babilônia, o que ilustra a luxúria da sua vida e a vastidão do seu comércio, que se concentrava, sobretudo, nos

portos da Ásia (vv.12-13). Aqueles que lamentam são identificados como “os que se enriqueceram da força da luxúria da grande cidade” (v.3).

Entre as mercadorias apresentadas, encontramos ouro, prata, pedras preciosas, linho, púrpura, seda, escarlate, madeira aurífera, vaso de marfim, vaso de madeira preciosa, de bronze de mármore, cinamomo, amomo, perfumes, unguento, incenso, vinho, azeite, farinha finíssima e trigo, animal de carga e ovelhas, cavalos e carros, escravos e vidas humanas. Há também pedras preciosas, objetos de luxo, metais (ouro, bronze, ferro), madeira e mármore, alimentos (vinho, azeite, farinha, trigo) e o negócio de escravos (RAMIREZ FERNANDEZ, 1990, p. 61; PRINGENT, 1981, p. 269-273; RUIZ, 1989, p. 443). Esse catálogo de mercadorias descreve a imensa luxúria da Babilônia. Ele enfatiza, principalmente, o que é perdido com a queda da cidade. O próprio lamento, que repete seis dos itens da lista, assinala essa ruína de forma a lembrá-lo, faz a ligação entre as vestes da prostituta e as vestes idênticas da grande cidade. Apocalipse 18,15 assemelha-se a 18,9 e 18,17b-19 ao descrever o medo dos mercadores e sua distância do incêndio da cidade. Eles “choram e pranteiam”, pois não mais se beneficiam do comércio com a Babilônia. O v.16 retoma 17,4, que descreve a opulência do aparecimento da prostituta, destruída pelo julgamento divino. Os reis choram por causa da queda da cidade, mas os mercadores lamentam a destruição das suas riquezas, numa descrição que deriva diretamente da apresentação da grande prostituta.

O lamento dos marinheiros: vv.17b-19

A identificação daqueles que lamentam como “pilotos”, “os que navegam livremente”, “marinheiros” e “os que trabalham no mar” enfatiza mais o aspecto comercial que o marítimo, claro no vv.19b: “na qual enriqueceram todos os que têm navios no mar”, e evidente na identificação do quarto grupo como “os que trabalham (têm negócios) no mar”. No começo de Apocalipse 17, a grande prostituta está associada a “muitas águas” e com a besta que emerge do mar (13,1; 17,3). Em Apocalipse 12,12, a terra e o mar são designados como a esfera da atividade do diabo, numa cláusula que começa com “ai”. A repetição de “ai, ai” nos vv.10.16.19 reforça a

conexão. Os lamentos dos vv.9-19 são atribuídos aos “reis da terra”, aos “mercadores da terra” e aos “que têm negócios no mar”, toda a área de influência da besta (PRINGENT, 1981, p. 272-273; RUIZ, 1989, p. 438). Os marinheiros completam o retrato da Babilônia e seu lamento, que começa com uma expressão geral de tristeza, seguida por uma referência à glória anterior da grande cidade, expressa a tristeza pela ruína da riqueza adquirida por meio do comércio marítimo com a Babilônia. Os marinheiros lamentam as oportunidades perdidas para adquirir mais riqueza, da mesma forma que os mercadores também o fizeram (vv.15-17a).

A seção finaliza com um imperativo dirigido aos santos, apóstolos e profetas para regozijarem-se, pois “Deus contra ela julgou a vossa causa” (v.20). Ao julgar a Babilônia, Deus vingou os cristãos e lhes fez justiça. O tema do julgamento perpassa toda a seção. Está presente na exortação inicial para fugir da Babilônia (v.4), nos detalhes do veredicto contra a cidade (vv.5-8), no lamento dos reis, dos mercadores e dos marinheiros (vv.9-19) e vem à tona no refrão “em única hora” (vv.10.17.19). O que é causa de lamento para os clientes e associados da grande cidade é proclamado pela voz celestial como causa de celebração, para os “santos, apóstolos e profetas”, daqueles que são vítimas da injustiça da Babilônia (PRINGENT, 1981, p. 273; RUIZ, 1989, p. 463; KLASSEN, 1966, p. 300-311).

Ação simbólica e sua interpretação: vv.21-24

Apocalipse 18,21-24 contém o último lamento da queda da Babilônia. Distingue-se dos anteriores porque começa com uma narrativa curta que descreve um ato simbólico profético, a ação do anjo de “atirar uma grande pedra, como de moinho, ao mar”, sugerida pelo oráculo profético de Jeremias contra Jerusalém e Judá (25,10; 51,63-64), interpretada como uma pré-estreia da queda da Babilônia. Ele contém os elementos de ameaça e razão do julgamento, o que nesse caso consiste de uma acusação. Contém três partes: o relato: v.21; a interpretação do gesto simbólico do anjo: vv.21b-23b; as razões do julgamento: vv.23c-24.

Os vv.23b-24 apresentam três razões para o julgamento da grande cidade:

- 1) “os seus mercadores foram os grandes da terra” (Isaías 23,8);
- 2) “na sua feitiçaria foram seduzidas todas as nações” (Apocalipse 14, 8; 17,2; 18,3; Naum 3,4; Isaías 47,12);
- 3) “nela se encontrou sangue de profetas, santos e de todos os que foram mortos sobre a terra” (Apocalipse 6,10; 16,6; 17,6; 19,2).

Em razão de seus crimes, a Babilônia deve receber a pena adequada. Dessa forma, esses versos apresentam o quadro de uma cidade desolada e desprovida dos sons e atividades que caracterizam a vida urbana. Em seu lugar, encontramos o sangue daqueles que a Babilônia silenciou e que consiste na evidência dos crimes pelos quais ela merece condenação. Os mercadores, mencionados como os que se beneficiaram com a luxúria da Babilônia, aparecem pela última vez em 18,24. O retrato da desolação da cidade é completado pelo silêncio dos vv.22-23. A cidade veio abaixo por causa do julgamento divino e sua queda é apresentada por meio do contraste entre o “antes” e o “agora”, próprio do cântico fúnebre (RUIZ, 1989, p. 471-473). Notamos também que, se os vv.9-19 falam da ruína da Babilônia em sua relação com o mundo tal como representado nos seus aspectos político e comercial, os vv.21-24 indicam a destruição repentina da Babilônia numa referência à extinção da sua vida interna, representada nos seus prazeres, no trabalho de seus artesãos e na sua vida familiar: “nela não mais se achará ali a voz de harpistas, de músicos, de tocadores de flautas, de clarins; não haverá mais artífices, não se ouvirá mais a pedra do moinho, luz não mais brilhará, não se ouvirá mais a voz do noivo e da noiva” (vv.22-23; Jeremias 7,34; 25,10; Ezequiel 26,13).

Babilônia e Roma no Apocalipse de João

Na história da tradição bíblica, a Babilônia, como entidade sociopolítica que destruiu o templo de Jerusalém e conduziu o povo de Deus para o exílio (587 a.C.), ganhou um papel paradigmático e permanente como o poder mundial hostil a Deus e ao seu povo. Foi isso que permitiu a reapropriação dos oráculos proféticos do Antigo Testamento contra a Babilônia e a releitura e replicação desse símbolo num novo contexto histórico. Em

Apocalipse 18, a metáfora da “grande cidade” permite uma identificação exclusiva numa identidade histórica (RUIZ, 1989, p. 384-386, 528-529; NOGUEIRA, 1991, p. 148-157) e, mais do que qualquer outro exemplo de polêmica antirromana, o uso desse simbolismo, pelo menos em um nível de significado, é uma alusão a Roma. Entre as várias razões para a escolha desse nome, a mais provável é que Roma, como a Babilônia, destruiu o templo e a cidade de Jerusalém em 70 a.C. Nesse sentido, a aplicação dessa imagem a Roma implica, provavelmente, que a sua queda iminente é vista pelo autor, pelo menos em parte, como retribuição para a queda de Jerusalém (COLLINS, 1980, p. 200).

A descrição da cidade como uma prostituta visitada pelos reis da terra é importante nessa identificação, pois indica a idolatria, o envolvimento com o seu comércio, além do destaque dado à sua autoglorificação e arrogância: a propaganda romana atribuía eternidade e universalidade à sua dominação. “Babilônia” e a personagem “grande meretriz” são imagens utilizadas que estigmatizam a idolatria do culto e do luxo desse império. Trata-se de um sistema político que abrange tudo: há aliados que se beneficiam da sua política e estão associados no seu projeto econômico. Assim, essas imagens não só descrevem Roma, mas também apresentam as razões para a sua queda. Riqueza, orgulho, blasfêmia, atitudes arrogantes e obras injustas estão unidas, num mesmo comportamento, em passagens que expressam principalmente a certeza de que Deus derruba os soberbos e os injustos (WENGST, 1991, p. 180-183).

A denúncia que se expressa na forma do lamento dos reis, mercadores e marinheiros assinala a destruição do poder imperial e de todos os que se beneficiaram com ele. A hábil integração de Jeremias 50-51 e Ezequiel 26-28 no desenvolvimento do capítulo indica como o tema “poder” é um aspecto da ordem política que é inseparável da ordem teológica. Os lamentos anunciam a destruição da Babilônia, a cidade para onde confluíam as riquezas do mundo e onde a idolatria do mundo inteiro, dos pequenos e dos grandes, dos trabalhadores e dos chefes, se manifesta com a mais insuportável luxúria. A estrutura de poder na qual o império se converteu, submetendo muitos povos ao seu poderio econômico, do qual se sustentava, e a expansão desse poder para os estados e reinos que dele participam e a rede de relações de dependência que foi criada vêm ao fim.

O juízo escatológico de Deus alcança o poder absoluto, as riquezas acumuladas e a cidade. O poder de Deus se manifesta no julgamento por meio do qual a Babilônia perde o seu poder e aqueles que choram a sua ruína são todos aqueles que compartilhavam da sua atividade.

Babilônia, símbolo do inimigo do povo de Deus, identificada presentemente com o poder vigente, vem ao fim, consumando dessa forma a justiça de Deus. A justiça se realiza na forma de uma inversão escatológica. Nessa inversão de papéis está presente o tema da vingança escatológica, pois o sofrimento da comunidade dos justos será vingado (Apocalipse 6,9-11; 16,4-7). Em Apocalipse 18, contudo, essa troca é ampla, envolvendo uma potência política, Babilônia/Roma (vv.6-8). O imperativo para executar julgamento sobre a Babilônia está em comunicação com a tradição da Oposição Asiática, que afirma que Roma teria que devolver todos os tributos recolhidos dos orientais e o poder político passaria do Ocidente (representado por Roma) ao Oriente (representado pela Ásia Menor) (NOGUEIRA, 1992, p. 102-103; ADRIANO FILHO, 2010, p. 139-146).

Essa tradição teve recepção na Apocalíptica Judaica, principalmente nos livros III-V dos Oráculos Sibílicos. Nos oráculos contra as nações, contra Babilônia/Roma e o anúncio da vinda do *Nero redivivus*, os oráculos sobre a inversão escatológica entre o Ocidente e o Oriente, a forma mais antiga da tradição contida nos Oráculos Sibílicos, afirma-se:

à Ásia chegará uma grande riqueza que há tempos Roma arrebatou por si mesma, e depositou em sua luxuosa morada; e logo devolverá à Ásia o dobro e algo mais (IV, 145-148).

Novamente a Ásia haverá de receber de Roma o triplo de todas as riquezas que Roma recebeu da Ásia, sua tributária, e lhe haverá de pagar a pernicioso soberba que mostrou contra ela. Vinte vezes mais quantos procedentes da Ásia serviram como criados nas moradas dos itálos será o número dos que trabalharão como tais na Ásia, imersos na pobreza, inumeráveis pagarão a sua dívida” (III, 350-355).

No final dos tempos o mar se tornará seco e jamais se dedicarão os navios a navegar até a Itália, e a Ásia, a grande e muito desditada, será um grande mar” (V, 447-450)

Não é possível provar uma dependência literária do Apocalipse de João dos Oráculos Sibilinos. Contudo, o Apocalipse compartilha a vizinhança ideológica dos Oráculos Sibilinos e respira uma ideologia antirromana (NOGUEIRA, 1992, p. 103-104). Nesse sentido, Apocalipse 18, ao fazer uma leitura teológica da política econômica de sua época por meio da mediação dos profetas do Antigo Testamento, denuncia o sistema econômico instaurado por aquele poder político. O Apocalipse exorta também os cristãos a se afastar de toda ligação política e econômica com o poder injusto, idólatra e avarento, ao denunciar o orgulho e a soberba da cidade.

O convite para se afastar de toda ligação política e econômica não significa apenas tomar distância geográfica, mas separar-se e não se misturar na política econômica sustentada pela ordem política vigente. Envolver-se nesse projeto, apesar dos lucros que se pode obter, ou por causa deles, é cair em pecado e tornar-se participante do juízo de Deus, juízo que deve cair somente contra o poder imperial (v.20). Apocalipse 18 faz uma leitura teológica do fator econômico ao catalogá-lo como pecado e sujeito ao juízo de Deus. Essa economia é pecaminosa na medida em que acarreta miséria para muitos e, além disso, significa perseguição e morte para a comunidade dos fiéis. O pecado, assim caracterizado, “chega ao céu”, constitui a medula de uma situação pecaminosa. Deus não passa por alto “nem esquece” isso, pois é expressão de injustiça entre os homens que deve ser remediada (RAMIREZ FERNANDEZ, 1990, p. 59).

No mundo atual, a globalização do mercado acontece de forma rápida e radical e a expectativa é que a economia e o comércio mundial cresçam, produzindo maior benefício para todos. Mas, ironicamente, enquanto o mercado global triunfa integrando a todos os povos e sociedades, o que é visto é a promoção da injustiça econômica entre as nações pobres e ricas e entre os economicamente fortes e fracos. A ilimitada competição das forças econômicas torna a situação social volátil, provocando conflitos violentos, criando a exclusão de milhões de pessoas: os grupos fragilizados (cada vez mais fragilizados) e a maior parte da população são excluídos dos benefícios do mercado globalizado pelos poderes constituídos e autoridades econômicas. As suas vítimas já não mais se restringem a uma parte do mundo e são hoje visíveis em toda parte. O sacrifício dos mais

fracos é justificado em nome do progresso. Trata-se de um novo *Moloch*, que devora vidas humanas.

Torna-se, portanto, apropriado retornar à Bíblia, não só porque muitos dos seus escritos falam à nossa situação, mas também porque na comunidade de fé o povo a busca, convictos de que ela é uma fonte para o entendimento teológico do momento atual. A degradação da vida humana no mundo atual torna-se um ponto a partir do qual podemos entender os efeitos que as formas do poder econômico assumem. Estamos também diante de “uma situação pecaminosa, injusta, que não passa despercebida aos olhos de Deus, nem é algo pelo qual Ele possa ficar desinteressado”. O sistema econômico-político atual também constitui o cerne de uma situação pecaminosa que está sujeita ao juízo de Deus.

Referências

ADRIANO FILHO, J. Oráculos Sibilinos III-V: judeus no Egito helenístico e romano. In: NOGUEIRA, P. et al. (Org.). **Identidades fluídas no Judaísmo Antigo e no Cristianismo Primitivo**. São Paulo: Anablume; FAPESP, 2010. p. 139-146.

AUNE, D. E. **Prophecy in early christianity and the ancient mediterranean world**. Grand Rapids: WBE Company, 1983. p. 285.

COLLINS, A. Y. Revelation 18: Taunt-Song or Dirge? In: LAMBRECHT, J. (Ed.). **L'Apocalypse Johannique et l'Apocalyptique dans le Nouveau Testament**. Paris; Gembloux: J. Ducolot; Leuven University Press, 1980. p. 198-199.

GERSTENBERGER, E. S. The woe-oracles of the prophets. **Journal of Biblical Literature**, v. 81, p. 249-263, 1962.

KLASSEN, W. Vengeance in the Apocalypse of John. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 28, p. 300-311, 1966.

NOGUEIRA, P. **Der widerstand gegen rom in der apocalypse des Johannes: eine untersuchung zur tradiktion des falls von babylon in apocalypse 18**. 1991. 143 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade de Teologia da Universidade Karl Ruprecht-Heidelberg, Heidelberg, Alemanha, 1991. p. 137-139.

NOGUEIRA, P. A realização da justiça de Deus na história. Algumas considerações sobre a tradição da inversão escatológica no Apocalipse 18. **Ribla**, v. 11, p. 102-103, 1992.

PRINGENT, P. **L'Apocalypse de Saint Jean**. Lausanne; Paris: Delachaux et Niestlé, 1981. p. 269.

RAMIREZ FERNANDEZ, D. O juízo de Deus contra as transnacionais - Apocalipse 18. **Ribla**, v. 5/6, p. 61, 1990/1.

WENGST, K. **Pax Romana**: pretensão e realidade. São Paulo: Paulinas, 1991.

RUIZ, J. P. **Ezekiel in the Apocalypse**: the transformation of prophetic language in revelation 16,17-19,10. New York; Paris: Peter Lang, 1989.

SEVERINO CROATTO, J. O discurso dos tiranos em textos proféticos e apocalípticos. **Ribla**, v. 8, p. 35-37, 1991/3.

WESTERMANN, C. **Basic forms of prophetic speech**. Philadelphia: The Westminster Press, 1977.

Recebido: 23/04/2010

Received: 04/23/2010

Aprovado: 17/06/2010

Approved: 06/17/2010